

# MULHERES SE ORGANIZANDO

Isabelle Hillenkamp  
Beatriz Schwenck

Chegando a este ponto da nossa análise da lógica dos empreendimentos e da história das mulheres da AMESOL e das suas formas de engajamento, nos cabe perguntar: O que é a AMESOL? Qual sua história? Quais atores e atrizes foram importantes no momento de sua fundação? E quais permanecem até hoje? Como o coletivo da AMESOL se constitui? Qual a dimensão da autogestão entre as associadas? Como e onde acontecem as construções do “comum” entre elas?

Fomos investigar o que é a AMESOL e como a realidade dessas mulheres influencia a criação e funcionamento da Associação. Para tanto, foram feitas entrevistas com mulheres que estiveram presentes no momento de articulação para criação da AMESOL, ainda antes da sua data oficial de fundação, em 12 de abril de 2013. Essas mulheres ocupavam e ocupam, sobretudo, o papel de articuladoras e não de empreendedoras. São militantes e ativistas da economia solidária e do movimento feminista que nos contaram um pouco mais sobre as disputas políticas, econômicas, culturais que envolveram a criação desta Associação.

Fizemos 14 entrevistas com mulheres empreendedoras que integram, hoje, a AME-

SOL, procurando entender o que significa a AMESOL para cada uma delas, qual o sentido que elas atribuem a participação, as dificuldades que encontram, os sonhos que tem para o coletivo. Essas entrevistas foram feitas em atividades de formação e durante a feira da AMESOL ao longo de 2018.

Foram realizadas breves “conversas” nas feiras mensais de economia solidária e feminista, que ao longo de 2018, constituíram-se como o principal momento de construção comum entre as mulheres da AMESOL. As entrevistas foram feitas com 5 expositoras e 9 consumidoras(es), para entender, além das formas práticas de fazer comum entre as associadas, como se dá a construção social do mercado e a relação que elas estabelecem com o público.

A seguir, apresentaremos nossos aprendizados sobre a criação e funcionamento da Associação, a forma como se exerce a autogestão entre as associadas e os desafios que se encontram nesse processo. As feiras de economia solidária e feminista terão destaque por serem o espaço onde o coletivo da AMESOL se forma e acontece na prática.

# A HISTÓRIA DA AMESOL

## MOBILIZAÇÃO, POLÍTICAS PÚBLICAS E O FAZER COTIDIANO

A história da AMESOL tem o seu início no Grupo de Trabalho de Mulheres do Fórum Paulista de Economia Solidária, grupo que se reunia uma vez por mês e sentiu necessidade de ter um instrumento de organização das mulheres da economia solidária, conforme conta Vera Machado. Na discussão, a organização foi ampliada para além das mulheres dos empreendimentos do Fórum. Somaram neste processo, entidades, ONGs, movimentos sociais, gestores e gestoras públicas, principalmente, da cidade de Osasco.

A AMESOL nasce, portanto, de “muitas sinergias” que dizem respeito ao contexto cultural, político e econômico do nosso país, às fontes de financiamento, articulações sociopolíticas, às possibilidades de organização da sociedade civil e da disputa por políticas públicas, sem falar da trajetória pessoal das pessoas envolvidas, como vimos no capítulo anterior.

Vamos tentar aqui, delimitar algumas dessas forças, apresentando o campo de disputa em que nasceu a Associação de Mulheres na Economia Solidária do Estado de São Paulo, no ano de 2013. Apresentaremos, também, as condições que fizeram possível a existência da AMESOL ao longo dos últimos anos, e como as mudanças no

contexto refletiram no corpo e na dinâmica da Associação.

É importante destacar o papel das políticas públicas na conformação de condições que fizeram possível a criação da AMESOL. Essa história, no entanto, não é a única. A seguir, mostraremos a história da mobilização das mulheres, uma história que merece ser visibilizada para além do processo institucional. São histórias que se cruzam e se complementam, criando um campo de interação, das quais, as trabalhadoras dos empreendimentos e as articuladoras contribuem de forma dinâmica.

## POLÍTICAS PÚBLICAS E A MOBILIZAÇÃO DAS MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

As políticas públicas tiveram papel importante na criação da AMESOL, porque elas significavam a possibilidade de financiamento das demandas necessárias para essa articulação, um quadro de articuladoras e agentes remuneradas, além de recursos para garantir infraestrutura para organização de eventos, possibilitando encontros, atividades de formação e espa-

ços de comercialização. Vale ressaltar que, a maioria dessas políticas públicas foi criada em gestões do Partido dos Trabalhadores, tanto em nível nacional, como municipal.

Entre os anos de 2010 e 2013, a Guayí – Democracia, Participação e Solidariedade, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público de Porto Alegre/RS, atuou em convênio com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE) na execução de uma das ações do “Projeto Brasil Local: Desenvolvimento e Economia Solidária”. Esse projeto era voltado para a promoção do desenvolvimento local por meio do fortalecimento comunitário e a geração de trabalho e renda em empreendimentos e iniciativas solidárias. Executado pela Guayí, o Projeto Brasil Local “Economia Solidária e Economia Feminista” foi desenvolvido em 9 estados do país, mapeando empreendimentos solidários de mulheres, organizando atividades de intercâmbio e formação. Como desenvolvimento deste projeto, tem-se a criação da Rede de Economia Solidária e Feminista (RESF).

A Rede de Economia Solidária e Feminista pretende valorizar e fortalecer a presença das mulheres na Economia Solidária, contribuindo com a construção de sua autonomia econômica por elas mesmas. Questionar a “naturalidade” com que o trabalho doméstico é destinado às mulheres, como se fosse vocação delas, como se não fosse trabalho. Diversificar as possibilidades delas de atuarem profissionalmente, sem ficarem relegadas a profis-

sões ditas “femininas”. Uma rede, da forma como propomos, é um conjunto de empreendimentos articulados entre si, que trocam informações e experiências, se complementam e se fortalecem na sua atividade produtiva, a partir dessa relação.

No estado de São Paulo, algumas das agentes que coordenaram as ações do projeto “Brasil Local Feminista” tiveram papel fundamental na criação da AMESOL e até hoje dela fazem parte, como Vera Machado, Sandra Santana e Maria Fernanda Marcelino. Algumas delas vinham já do envolvimento com a economia solidária, como é o caso de Vera Machado, na época assessora parlamentar, militante feminista envolvida com a criação de fóruns e políticas municipais de economia solidária em São Paulo, desde o final dos anos 1990, outras, vinham do debate feminista, como Maria Fernanda Marcelino, articuladora do movimento feminista e educadora da SOF, e Sandra Santana, militante da Marcha Mundial das Mulheres e Educadora Popular da Rede de Educação Cidadã (RECID) do Instituto



Paulo Freire e do Maria Mariá, organização de mulheres no Jardim Ângela que desenvolvia ações de superação de violência e autonomia econômica.

A SOF é uma organização não governamental com sede em São Paulo/SP que coordena atividades de educação popular para mulheres, a partir do tripé “Movimento Social, Transformação e Feminismo”. Desde os anos 1990, a SOF tem o papel de estruturar a economia feminista, economia solidária, agroecologia e soberania alimentar, por meio da realização de cursos, seminários, oficinas e assessoria processual a grupos produtivos de mulheres. Na primeira década dos anos 2000, a SOF já compunha a coordenação nacional da Marcha Mundial das Mulheres e, posteriormente, assumiu o secretariado internacional da MMM, até o ano de 2013.

Nesse contexto, é criada a AMESOL em abril de 2013, como mostra notificação retirada do site da SOF.

Na última sexta feira, dia 12 de abril, mais de 30 mulheres da Economia Solidária do estado de São Paulo se reuniram na Câmara Municipal para fundar a AMESOL – Associação das Mulheres na Economia Solidária do Estado de São Paulo.

[...]

A AMESOL será uma ferramenta importante para a auto-organização das mulheres em empreendimentos mistos ou só de mulheres, assim como um apoio financeiro, já que um de seus principais objetivos é a criação de um fundo rotativo que contribua para ampliação e qualificação grupos.

Além disso, a AMESOL oferecerá formação técnica e feminista e será um espaço de articulação e troca de experiências.<sup>10</sup>

Entre os anos de 2013 a 2015, um novo convênio entre a SENAES/MTE e a Guayí permite a continuidade das atividades envolvendo e fortalecendo a RESF e, dentro dela, a então criada AMESOL. Esse convênio tinha por objetivo apoiar e fortalecer Redes de Cooperação constituídas por empreendimentos econômicos solidários. Durante o período, foram organizadas feiras, conferências pautando as reivindicações das mulheres para as políticas públicas de economia solidária, e outros eventos. Como balanço deste período, uma das coordenadoras da execução do projeto fala que, ao seu término, ainda era preciso fortalecer os empreendimentos, no que diz respeito à viabilidade econômica, precificação, construção do coletivo.

Concomitante ao projeto coordenado pela Guayí, a AMESOL seguiu sendo animada pela SOF, que ia incorporando a Associação em seus processos de formação via Marcha Mundial das Mulheres ou por projetos/convênios com a Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres e com a Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres de São Paulo, o que ajudou que a AMESOL tivesse algum amparo financeiro com a inserção nessas políticas públicas.

No entanto, contar a história da AMESOL apenas a partir das políticas públicas seria reduzir o protagonismo de muitas

mulheres. Vale relembrar que desde 2007, a organização das mulheres no movimento de economia solidária vinha ganhando mais visibilidade, e em 2008 é formado o Grupo de Trabalho (GT) de Mulheres no Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Como desdobramento desse movimento, além do angariamento de recursos para fortalecer as mulheres e seus empreendimentos (com os programas e projetos descritos acima), em São Paulo o debate foi ganhando corpo. O lugar desses encontros, que reuniam tanto mulheres dos empreendimentos como entidades de apoio e fomento, movimentos sociais, parlamentares e gestores públicos, era a Câmara Municipal de São Paulo, na região central da cidade, e na SRTE, Secretaria Regional do Trabalho e Emprego.

As mulheres dos empreendimentos solidários que formaram a AMESOL, se organizavam a partir da situação de vulnerabilidade em que se encontravam no mundo do trabalho, e isso incluía as dificuldades de inserção e permanência no trabalho formal, os impactos da divisão sexual do trabalho, sua invisibilidade e a sobrecarga que traz para suas vidas, e também, a situação frágil e precarizada nos empreendimentos solidários. Elas contam que sempre houve uma quantidade significativa de mulheres nos empreendimentos solidários, mas nas reuniões, nos encontros e nas assembleias da economia solidária, normalmente tinha “um monte de homem e só um pingão de mulher”.

“Eu estou na AMESOL desde que ela foi fundada. Nós já tínhamos o grupo de economia solidária antes da AMESOL com o Maria Mariá, com o apoio da SOF, com

nossas formações, e da Marcha Mundial das Mulheres através de suas ações dando oportunidade de participarmos para expor e vender nossos produtos em vários estados. Isso elevou a auto estima das mulheres, pois a maioria delas havia sofrido violência doméstica e sobreviviam com a venda de artesanato, alimentação e sabão (feito com óleo reciclado). Vários desses materiais usados no artesanato é reciclado. A ITCP-USP [Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo] foi super importante no Maria Mariá, nas formações e feiras de troca. Percebi ao participar de espaços onde discutiam Economia Solidária, Conferências e Fóruns, que a maioria eram homens. Hoje estamos conseguindo mudar isso com muita luta. Somos protagonistas da nossa própria história”. (Sandra Santana)

Assim, a AMESOL é formada para articular “todo mundo que trabalhava com Economia Solidária e mulheres”, tanto empreendimentos quanto organizações de fomento e gestão pública. “O objetivo era fazer uma articulação política”, conta Vera Machado. Nessa época, muitos dos empreendimentos que compunham a AMESOL eram coletivos, e vinham de várias cidades do estado de São Paulo, como São Paulo, Santo André, São Bernardo do Campo, Suzano, Rio Grande da Serra, Osasco, Campinas, Hortolândia, e se reuniam, sobretudo, em áreas centrais da cidade de São Paulo.

Do ponto de vista das mulheres que compunham os empreendimentos solidários, elas estavam na busca por “liberdade, autogestão do próprio negócio, saber por preço justo, saber sobreviver com o dinheiro.”



Apesar de estarem nos empreendimentos, nos espaços de produção e comercialização, elas não apareciam nas conferências e eventos de economia solidária e “não tinham o trabalho visibilizado”. Uma das empreendedoras lembra:

“Antes eu já era da economia solidária. Mas daí ia em reunião, em reunião. A gente dividia muito, vai se dispersando. Aí quando realmente surgiu a ideia da AMESOL, aí a gente veio mesmo pra construção dessa proposta. Muitas são oriundas de outros espaços da Economia Solidária. Agora a gente tem autonomia pra fazer a gestão coletiva. Nós passamos a ser protagonistas.” (Dinah, Artemanhas)

Durante os anos de 2010 e 2013, a SENAES organizou o Segundo Mapeamento de Empreendimentos Econômicos Solidários do Brasil. Durante o mesmo período, a SOF e o Centro Feminista 8 de Março, de Mossoró/RN (CF-8) fizeram um levantamento nos Territórios da Cidadania onde atuaram com grupos de mulheres. Foram identificados pelas organizações 972 grupos produtivos de mulheres, frente a 267 identificados pelo Mapeamento da SENAES<sup>11</sup>. Essas cifras sugerem que a delimitação criteriosa do que configura um Empreendimento Econômico Solidário deixa de lado muitas iniciativas protagonizadas por mulheres, pois elas atuam de forma “oscilante”, devido, em particular, às responsabilidades como mães e esposas, e tem dificuldades em se enquadrarem nos critérios formais dos empreendimentos de economia solidária. Essa tensão perpassa a história da AMESOL,

como conta Maria Fernanda Marcelino, educadora da SOF.

“As políticas sempre favoreciam exatamente quem já estava estruturado, né. E os grupos de mulheres, ainda que fossem muito mais numerosos, quando foi feita a pesquisa, por exemplo, só identificou os masculinos. Porque os grupos de mulheres são oscilantes. Quando a SENAES foi apresentar os dados, o recorte que eles fizeram excluía os grupos de mulheres. As experiências das mulheres. Foi-se criando uma rede de pessoas mobilizadas em torno dessa questão das mulheres, com a ideia de formar uma associação. Essa rede era formada por mulheres não necessariamente se identificando como feministas, mas olhando pra essa realidade das mulheres na economia solidária, que é muito desigual. A gente foi criando um outro jeito de olhar pra realidade dessas mulheres, que não fosse reprodução do “mais do mesmo”. Porque mais do mesmo, já não estava dando certo, né? As mulheres já eram os empreendimentos mais frágeis, já eram a maioria que ninguém enxergava. Então, fomos criando outras formas de enxergar e de olhar isso.” (Maria Fernanda Marcelino, SOF)

A criação da AMESOL, resultado dessas “muitas sinergias”, contou com o envolvimento de entidades de apoio e fomento, incubadoras universitárias, representantes de partidos políticos, gestores e gestoras públicas, organizações não governamentais, movimentos sociais, sem esquecer, é claro, das mulheres que integraram e integram

os empreendimentos solidários, envolvidas nas atividades de produção e comercialização. A Associação de Mulheres na Economia Solidária do Estado de São Paulo tem o objetivo de ancorar o debate feminista à realidade das mulheres produtoras, tecendo relações de solidariedade e disputando políticas públicas a partir da realidade dessas mulheres.

Com essa nova fonte de recursos, as atividades da AMESOL ganham fôlego. Também pelo contexto econômico e político de aumento do desemprego no Brasil e fechamento ou descaracterização das políticas municipais de economia solidária, muitas novas mulheres chegam à AMESOL. Esse crescimento é visto como positivo pelas sócias e pelas articuladoras, por agregar cada vez mais mulheres, cada uma com sua trajetória e saberes, mas, também, traz alguns desafios para a autogestão e construção coletiva do grupo.

## O FAZER COMUM: POTÊNCIAS E LIMITES DA AUTOGESTÃO NA AMESOL

A AMESOL não é um lugar. Ela não tem sede própria, as mulheres se reúnem para reuniões e atividades de formação normalmente na SOF, no bairro Vila Madalena, no Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã ou em algum espaço parceiro, como o Instituto Rosa Luxemburgo ou a Casa do Professor (subsede do Sindi-

cato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP).

Desde sua criação, há a tentativa de criação de um estatuto da Associação, que até o início de 2019 ainda não havia sido formalizado. Durante esses anos, a mudança de projetos, das atividades desenvolvidas pelo grupo e do conjunto de empreendimentos que compõem a AMESOL trazem tensão ao esforço de redação de um estatuto que descreva fielmente a realidade da organização das mulheres, já que ela está em constante transformação.

“A AMESOL é uma oportunidade real de vivenciar a economia solidária na prática, além da teoria e toda a formação que a gente tem. O feminismo vem como a base de tudo isso, porque são mulheres empoderando mulheres, fortalecendo mulheres, estando com mulheres e pensando com mulheres. É uma prática real do feminismo. A AMESOL é a expressão do feminismo junto com economia solidária. Eu gosto dessa ideia da “expressão”. Eu sempre estive em movimentos sociais,



nesse debate político, social, econômico, mas eu sentia falta de prática. A AMESOL é isso, a prática de toda essa discussão. A expressão desse grupo de mulheres, uma prática de Economia Solidária e Feminista. A gente não fica só teorizando, a gente faz acontecer.” (Vanessa, Aiyra da terra)

Se por um lado, essa fluidez do corpo e dinâmica da Associação é apreciada pelas mulheres que dela fazem parte, por outro lado, elas, também, reclamam pela solidez da Associação. Como no caso dos empreendimentos, certo grau de formalização significa alguma proteção jurídica, além da garantia da permanência dos vínculos entre as mulheres. No caso da AMESOL, uma figura jurídica também poderia contribuir para angariar novos recursos, visto que o cenário de curto e médio prazo é de extinção dos programas e projetos públicos de apoio à Economia Solidária.

Se a AMESOL não é uma coisa material (um documento ou uma casa), ela é antes construída “na oralidade”, no diálogo como base da construção coletiva. “E aí a gente foi tentando criar a AMESOL, esse debate entre nós. Qual é a melhor maneira?

A gente está nessa construção agora.”  
(Maria Fernanda, SOF)

A AMESOL é o encontro das mulheres na construção comum de projetos, ações e sonhos que se fazem possíveis na intersecção dos debates da economia solidária e da economia feminista.

Se perguntarmos para alguma mulher da AMESOL quantas pessoas fazem parte da Associação, ou quantos empreendimentos a constituem, talvez as respostas sejam inconclusivas. Isso faz parte do movimento de construírem-na como um espaço aberto para a entrada e saída das mulheres, à medida em que suas necessidades de vida demandem. A AMESOL assim é construída como um espaço “acolhedor” e “aberto”, onde as mulheres participam por ser um momento de encontro, de reconhecimento, da construção da solidariedade e ajuda mútua, não só em questões relativas aos empreendimentos, mas também, mobilizando elementos das suas trajetórias pessoais e familiares. Isso não significa, no entanto, que não haja compromisso entre as sócias.

O movimento de “não burocratizar a Associação”, que parte também da equipe da SOF, aparece como uma forma de que a existência da AMESOL seja compatível com a realidade concreta das mulheres e suas outras demandas que não são somente do trabalho produtivo.

“Este é um debate. É um dos debates. Porque várias que são da AMESOL há mais tempo ficam muito queixosas de que elas estão aqui na Associação discutindo, como fazer, o que fazer, se desdobrando em tarefas. Tem que ir um dia antes pra ajudar a montar, tem que ajudar na divulgação, tem que isso, tem que aquilo... E não é justo que algumas cheguem, só exponham, e depois peguem o recurso. Então aí tem um incômodo com isso. Ao mesmo tempo, que a gente não quer criar uma forma burocrática do tipo, ‘para participar das feiras, você tem que participar



de, pelo menos, três reuniões'. Porque aí, qual o risco que a gente... qual situação que a gente empurra as mulheres? A gente não quer criar uma burocracia que não seja real pra vida das mulheres. Quer que as mulheres tenham prazer de estar na reunião da AMESOL, se sintam parte dessa construção, que venham para a reunião, que participar da feira é uma decorrência disso tudo. E não burocratizar a participação. Porque isso que acontece em muitos lugares. 'Ah, você pra participar desta feira, você tem que vir pra uma reunião'. A gente fala, 'pô, mas às vezes a pessoa não tem condição de ir numa reunião.'" (Maria Fernanda, SOF)

A dificuldade em delimitar as fronteiras do coletivo traz alguns desafios. Essa questão aparece na hora de prestar contas dos projetos e convênios, que muitas vezes viabilizam as atividades da Associação, como também traz incômodo para as participantes mais comprometidas.

"Esse ano tivemos crescimento e amadurecimento muito grande, foi até muito rápido. Esse ano aumentou muito o grupo e algumas coisas importantes ficaram pra trás. Com a entrada de pessoas novas, essas pessoas ainda não tinham se amadurecido dentro do grupo e aí é muita gente, muita coisa... Aquilo foi crescendo e ganhando uma proporção maravilhosa. Hoje muita gente conhece a AMESOL, muita gente conhece o Ponto [de Economia Solidária e Cultura do Butantã], o movimento. E muita gente interessada em participar. Isso foi muito legal nesse ano. Mas isso tem que ser feito de uma forma estruturada, se não a gente acaba se de-

sorganizando. E daí perde o objetivo real que é discutir o feminismo, que é construir a economia solidária, que é de fato dar o empoderamento feminino." (Vanessa, Aiyra da terra)

"Que a gente precisa levar esses espaços dentro da sociedade e esses espaços só vão ser levados se a gente tiver coragem e determinação que eu digo, assim, não adianta você chegar no grupo e falar 'eu faço parte desse grupo e eu vou esperar que algo seja feito para mim'. Porque falar é muito fácil." (Marta Baião, CIM)

Na busca pelas fronteiras do que é a AMESOL, e do que ela não é, encontramos alguns critérios mais fluidos e outros mais rígidos. Há uma dimensão do coletivo da AMESOL que é construída a partir do gênero. A AMESOL é uma Associação de mulheres, que privilegia e valoriza o trabalho delas. Isso não significa que não há empreendimentos mistos na AMESOL, mas que as mulheres desses grupos são quem os representam nas ações coletivas da Associação, como a comercialização nas feiras, as reuniões, as atividades de formação.

Há um critério para todas as mulheres da AMESOL de não terceirizar o trabalho, ou seja, os produtos tem que ser artesanais, feitos por elas.. Isso não significa que elas não trabalhem com revenda, às vezes como "bicos", no caso das "revistinhas" de revenda de cosméticos, ou mesmo junto com seus produtos artesanais em outros espaços de comercialização. Significa que está acordado entre elas que nos espaços de comercialização da AMESOL esse tipo de produto

não entra. Assim, a AMESOL coloca como critério a atividade produtiva própria entre suas sócias, seja de artesanato, seja com preparação de alimentos ou a venda de produtos *in natura*.

O fazer coletivo entre as sócias da AMESOL vai sendo construído, assim, a partir das demandas práticas dos grupos e das mulheres. O “coletivo da AMESOL”, ou a esfera comum, vai acontecendo a partir da experiência prática de construção coletiva de projetos e ações. Quando vão montar as feiras, por exemplo, elas decidem juntas quem pode participar da feira e com quais tipos de produto, o formato e disposição das barracas de acordo com a possibilidade e necessidade daquele momento, pensando na identidade que querem criar e expor para visitantes da feira e potenciais consumidores.

“Então, por exemplo, nós decidimos que a gente não ia ter um monte de barracinha, de banquinha. A gente ia ter tendas maiores, porque isso propiciava mais conforto, do ponto de vista do sol, da chuva, propiciava que uma mulher cuidasse do trabalho da outra, enquanto a outra ia ao banheiro, comer, ou sei lá o que. A gente discutiu que sempre era muito fundamental ter momentos de encontro comum, assim, então oficinas, que pudessem se aproximar mais do cultural também, né.”  
(Maria Fernanda, SOF)

Em algumas situações, a construção de uma decisão coletiva por meio da autogestão é um desafio, tentar ouvir e incorporar tantos pontos de vista diferentes. Isso toma

tempo e às vezes traz desgaste. “Sabe trabalhar com as pessoas também é difícil. É um exercício.”. “É muita gente, muita coisa (...) a gente acaba se desorganizando. E daí perde o objetivo real”. (Vanessa, Aiyra da terra)

Por outro lado, a diversidade é também uma grande potência da AMESOL. Poder reunir em um espaço de respeito e confiança diferentes pontos de vista, é também uma oportunidade para “abrir a mente”, poder reconhecer nas outras pessoas sua própria história, poder conviver e celebrar a diferença. “A gente conviveu com pessoas que eu poderia olhar pra elas com ódio, antes. Hoje eu vejo pessoas que é ser humano igual eu.” (Gil, Retrós Vest). O reconhecimento dessa diversidade aparece na experiência das mulheres da AMESOL como a prática cotidiana de construção de uma economia solidária feminista. É a construção de um projeto coletivo comum, “sonhar junto”. Reconhecer as diferenças e construir, sustentadas nelas, um projeto coletivo de transformação do mundo.

As decisões da Associação são tomadas nas reuniões, que ao longo de 2018 aconteceram mensalmente. Costumam reunir cerca de trinta mulheres, entre sócias da AMESOL, pessoal da SOF e recém-chegadas. As reuniões são organizadas no formato da roda de conversa. Vera Machado e Maria Fernanda que atuam como articuladoras desempenham um papel de propor e dar seguimento à agenda da reunião (pontos a serem discutidos e registro de decisões), de moderação (ordem de fala e gestão do tempo), de lembrança das regras coletivas, bem como de informação sobre questões como a atualidade dos Fóruns de economia solidá-

ria ou a conjuntura política. A lembrança de regras coletivas inclui, em particular, o fato de que as decisões são tomadas pelo coletivo e não pela SOF.

As mulheres dos empreendimentos refletem sobre esse processo coletivo de tomada de decisão e de construção comum:

“Nas reuniões da AMESOL todas falam e todas são ouvidas. Eu venho de um outro jeito, que quem estava presidindo a reunião teve vezes que falava “cala a boca, você não sabe se comportar?” ou “cala a boca, não é hora de você falar”. Não me venha mandar calar a boca! [Na AMESOL] esse ponto é muito forte: todas podem falar, todas são ouvidas.” (Sueli M, Tendarte)

“Agora a gente tem autonomia pra fazer a gestão coletiva. Nós passamos a ser protagonistas.” (Dinah, Artemanhas)

Para executarem seus projetos comuns, as mulheres dividem-se em comissões. No ano de 2018, quatro comissões foram formadas e trabalharam, coletivamente, a Comissão de Finanças, responsável pela gestão do fundo coletivo da AMESOL, por zelar pelo caixa nas feiras e outras atividades; a Comissão de Comunicação, responsável pela gestão das mídias sociais e pela divulgação das atividades desenvolvidas; a Comissão de Infraestrutura, responsável pela organização das feiras e mostras mensais de Economia Solidária e Feminista; e a Comissão de Alimentação, que se reúne pontualmente quando há a demanda de produção coletiva na área da alimentação, como feiras ou eventos. Nas reuniões do coletivo,

as comissões de trabalho desempenham um papel de proposta e informação de acordo com o trabalho que realizaram ou pretendem realizar nas suas respectivas áreas. As comissões são mais do que organizativas e de trabalho, são, também, espaços de aprendizado coletivo, de formação, “inclusão” e “troca de experiência”.

“Eu faço parte dos grupos que eu me coloco, de infraestrutura, porque eu acho importante compartilhar o que eu aprendi e as outras histórias que eu participei. Eu vejo que tem muita fragilidade das mulheres, mas [a comissão] é um grupo que é de inclusão.” (Priscila, Coletivo Trans Sol)

Ao longo do ano de 2018 e nos primeiros meses de 2019 foi ganhando corpo a proposta de criar uma nova comissão de Comercialização, que pudesse buscar novos espaços de venda (feiras, lojas, parcerias, nichos de mercado, *Internet*). Algumas acharam que era importante existir pessoas responsáveis por “trazer esse mapeamento, e aí a AMESOL enquanto entidade buscar. Porque a gente sozinha é uma pessoa física. Não é uma entidade. Então a gente não tem a mesma força. Eu, sozinha, eu não vou conseguir.” (Priscila, Coletivo Trans Sol). Elas falam da importância de ter uma pessoa que possa executar, exclusivamente, esse trabalho de abertura de novas possibilidades de comercialização, mas que isso não seja feito sem a participação das produtoras refletindo sobre a importância e os limites da autogestão.

"Eu acho que teria que ter uma pessoa específica voltada para isso. Mas isso não quer dizer que... eu acho que não pode eximir as empreendedoras, porque senão, também, fica muito fácil e onde é que está a autogestão? Eu tenho que conhecer o espaço, saber se aquela feira é interessante. Ah, isso aqui é interessante de ser feito. Estou te levando essa proposta pra vocês irem atrás enquanto entidade. Mas não adianta ficar sentada aqui e esperar que elas [da SOF] procurem." (Priscila, Coletivo Trans Sol)

Na AMESOL é feito uso de algumas ferramentas de gestão, que são construídas e alimentadas de forma coletiva por cada comissão, garantindo que sejam materializadas as decisões tomadas nas reuniões.

#### FERRAMENTAS DE GESTÃO DA AMESOL

Fundo Coletivo, que é alimentado com uma contribuição mensal de cada sócia (5 reais), com flexibilidade para quem não puder pagar, além de uma porcentagem das vendas nas feiras (5% para as sócias e 10% para as não-sócias, fronteira que muitas vezes mostra-se permeável). Nas reuniões da AMESOL, a Comissão de Finanças apresenta o balanço do Fundo com cópias das planilhas de entrada nas feiras e das contribuições individuais, muitas vezes, essa apresentação se dá por *e-mail* e também pelo grupo de *Whatsapp*. Ao longo do segundo semestre de 2018, integrantes da Comissão de Finanças

dizem estar preparando uma proposta de uso do dinheiro do Fundo, a partir das necessidades e demandas debatidas por todas ao longo das reuniões.

Ficha de inscrição para feiras é um controle virtual feito para a participação nas feiras e mostras de Economia Solidária e Feminista, organizadas pela AMESOL. Essa ficha pede o nome do empreendimento, produtos que serão expostos, além de um campo para ideias e propostas de oficinas ou atividades culturais a serem desenvolvidas. Entregando essa ficha, que fica sob a responsabilidade da equipe da SOF, a mulher concorda com os critérios de exposição: "1) Somente mulheres participarem da comercialização (os homens são bem vindos para consumir e apoiar antes, durante e depois); 2) Ter espírito colaborativo em todo processo da feira, da arrumação e a comercialização." Essa ficha funciona, também, como uma espécie de "cadastro" dos empreendimentos que fazem parte da Associação.

Caixa único: nas feiras e mostras da AMESOL, cada mulher expositora ao montar sua barraca recebe uma ficha que serve de comanda para que consumidores/as paguem no caixa único. Quem fica responsável pelo caixa no dia da feira, além de distribuir todos os ganhos de acordo com as vendas, já separada a porcentagem destinada ao fundo da AMESOL, é a Comissão de Finanças. Segundo as mulheres da AMESOL, o caixa único é indispensável, pois

ele é "o representante da economia solidária". É por meio dele que é feito o registro das vendas, que acontece o controle da contribuição de cada expositora ao Fundo coletivo da AMESOL, é onde acontece o uso compartilhado dos recursos (a máquina de cartão), e também carrega a dimensão simbólica da construção coletiva do espaço da Feira.

Materiais de divulgação: juntas, as mulheres da AMESOL planejam e, quando possível, executam os materiais de divulgação coletivos da Associação e das ações coletivas abertas ao público. Assim acontece com o material de divulgação das feiras e mostras (cartazes e panfletos). Há também marca-páginas que foram idealizados por elas e executado por artistas amigas convidadas para fazer a ilustração, entre elas Camila, pertencente ao empreendimento Zuca Artes, membro da AMESOL. O Coletivo da AMESOL vem construindo coletivamente uma logo, com ajuda do Ideário, um empreendimento solidário que auxilia com a identidade visual do grupo. Assim foram também os processos de construção dos outros materiais de divulgação da AMESOL, como faixa e banner.

Outra forma de comunicação entre as mulheres, mais cotidiana e operacional e não deliberativa, é o grupo de *Whatsapp*. Nele, as mulheres trocam mensagens sobre eventos e sobre a mobilização política na economia solidária e no feminismo. Há frequente troca de informação política (notícias,

atos, jornais) e discussões sobre a atualidade. Também há organização para troca e compra coletiva de matéria prima, técnicas de artesanato e oportunidades de comercialização. O grupo no aplicativo é um importante canal de comunicação e articulação das mulheres em rede, justamente por permitir o diálogo imediato sem a necessidade de compartilhar o território. Nesses diálogos virtuais, as mulheres vão construindo seus vínculos afetivos e de cuidado, e ampliando as dimensões do fazer comum.

## CONCLUSÃO

Ao olhar para a história da AMESOL e como ela se constrói hoje, encontramos muitas dimensões que nos afastam da ideia de que ela é apenas uma associação de mulheres empreendedoras. O esforço aqui foi o de apresentar a AMESOL não apenas a partir de sua história institucional, mas também, da história das mulheres e de seu fazer comum. A partir desse aporte, temos elementos para entender a AMESOL a partir de diferentes perspectivas, e que signifi-





fica para as mulheres diferentes dimensões além da econômica, mas também política, de mobilização e engajamento, e social, quando se reconhecem entre si e, a partir desse reconhecimento, vão construindo seu fazer comum.

De certo, a dimensão econômica é importante, materializada nas Feiras de Economia Feminista e Solidária mensais, principal espaço de comercialização organizado pela Associação, mas também, nas trocas que acontecem entre as próprias mulheres a partir das quais elas podem melhorar a qualidade de seus produtos, embalagem e rótulo, técnicas de venda e outros lugares para comercialização. O debate sobre a autonomia econômica das mulheres ocupa grande parte das discussões do coletivo, que busca não só sobreviver, mas “viver de forma digna” a partir do trabalho produtivo e artesanal que fazem.

Reduzir a AMESOL a seus frutos econômicos seria simplificar outras dimensões que atravessam esse fazer comum. Há uma dimensão na AMESOL de politização das mulheres, de construção e articulação de engajamentos, além do acesso ou contato com políticas e gestores/as públicos. Como vimos, são nesses momentos de construção coletiva, onde as mulheres podem refletir sobre e ressignificar suas trajetórias, encontrando entre elas causas comuns às quais se engajam politicamente.

Há uma dimensão social de reconhecimento entre elas, que perpassa a construção de laços de solidariedade e ajuda mútua, que se mostram como suportes essenciais para a construção de sua autonomia. Encontrar apoio, pessoas que pensam de forma parecida, aprender com as diferenças,

fazer amizades e circular por novos espaços da cidade, do estado e do país. Essa forma de construir a própria autonomia, baseada nas interdependências, é também uma forma de emancipação inseparável da proteção através da solidariedade.

“Mas o estar com a outra pessoa e partilhar afirmação, conhecimento, passar um dia agradável.” (Cristina, Aondê)

“É a liberdade nossa, né, que a gente adquire.” (Maurisa, Tendarte)

“A importância mais, assim, principal que tem é que eu tenho a minha mente ocupada. É uma ocupação porque eu não me vejo dentro de casa sem participar desses grupos. Depois tem as outras coisas que trazem. Tem a renda. Tem a satisfação de estar junto com pessoas que eu gosto. As minhas vizinhas falam que eu tenho rodinha no pé.” (Ilma, Colibri)

“A gente vai lá, comenta e tem o social também dentro desse grupo. Não é só ir lá, reunião. Agora, tem o social e tem as nossas passeatas. Tem as nossas conversas com o governo. Já fui para Brasília tipo bate e volta. Fui e voltei. Na época do Lula sentei com a Erundina lá nas cadeiras para conversar com ela.” (Rosângela, Colibri)

Há também a dimensão do trabalho doméstico e de cuidados, que não é compartimentada nas atividades da AMESOL. A possibilidade de ter o trabalho produtivo valorizado, “uma injeção de autoestima”, também está ligada à possibilidade de (re)

negociação dos trabalhos aos quais as mulheres são responsáveis. Nas atividades práticas da AMESOL há essa preocupação mútua, vista, por exemplo, no fato de as mulheres poderem levar os filhos nas Feiras e outras atividades, como veremos a seguir.

# CONSTRUINDO MERCADOS E ESPAÇOS PÚBLICOS

## A FEIRA DA AMESOL

Desde dezembro de 2017, a AMESOL organiza uma feira mensal no Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, na zona Oeste de São Paulo. Apoiada pelo projeto “Economia Feminista e Solidária: ações para o fortalecimento da autonomia econômica das mulheres”, a Feira tornou-se um dos principais locais onde a AMESOL se constrói como coletivo, e onde este coletivo entra em contato com seu público. Através das vendas, bem como de oficinas, rodas de conversa e programação cultural, ali organizada, a Feira constituiu-se um lugar de comercialização e também de formação, de construção política e de exercício da autogestão.

Como o espaço da Feira foi construído e como isso repercute na AMESOL? Quem participa desta construção e como? Que tipo de relação foi estabelecida com o público? Quais são as dinâmicas e os avanços, os desafios e as perspectivas para além do Projeto? Este capítulo reflete sobre esse processo, em andamento, a partir da nossa presença na Feira e de “conversas”, que foram breves entrevistas com as produtoras e com o público. Apresentamos, também alguns debates relativos à Feira que aconteceram nas reuniões da AMESOL e nas jornadas de formação, incluindo informações coletadas em entrevistas com trabalhadoras do Ponto.

### A CONSTRUÇÃO DA FEIRA COMO “COMUM” E O DESAFIO DA SUSTENTABILIDADE

#### UM ESPAÇO ACOLHEDOR E COLABORATIVO

Um sábado por mês, a Feira da AMESOL reúne cerca de 30 empreendimentos na casa e no quintal do Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã. Montada no dia anterior pela Comissão de Infraestrutura da AMESOL, a Feira é organizada nos segmentos: alimentação, artesanato e produtos agroecológicos. No segmento do artesanato, as mesas de exibição, que são pranchões de 2 metros de comprimento, são compartilhadas entre dois e às vezes até três empreendimentos. Estão instaladas em forma de U no quintal, em torno de uma área comum e sob uma grande tenda. Os segmentos de alimentação e de produtos agroecológicos estão situados dentro da casa e em um terraço coberto. O caixa único, administrado pela Comissão de Finanças, permite registrar o conjunto das vendas e calcular a contribuição de cada empreendimento da AMESOL – 5% das vendas para as sócias e 10% para as não-sócias – é ins-

talado dentro da casa, com duas filas, para reduzir o tempo de espera.

Elementos visuais (*banner*, cartazes, embalagens) de identificação da AMESOL são dispostos em vários lugares. Dentro de cada segmento da Feira, as expositoras trocam de lugar a cada mês, de acordo com o plano estabelecido pela Comissão de Infraestrutura, sendo que o objetivo é propiciar oportunidades de conversar com novas pessoas. Além das sócias da AMESOL, outros empreendimentos que trabalham de acordo com os princípios da economia solidária e feminista participam da Feira. Estes incluem em particular, os empreendimentos ligados à Rede de Economia Solidária e Saúde Mental que operam durante a semana nas instalações do Ponto. Todos devem respeitar as regras estabelecidas pela AMESOL: as expositoras são mulheres, todos os produtos vendidos na Feira são fabricados por elas mesmas (veja seção 4). Cadeiras e mesas são disponibilizadas ao público e às expositoras no quintal e na casa, e durante a tarde, são organizados programa cultural, oficinas de formação e rodas de conversas. A entrada é gratuita.

Essa proposta visa tornar a Feira um lugar acolhedor. Através dos valores de solidariedade anunciados no material de divulgação e transmitidos pela organização do espaço e pela postura das expositoras, a Feira se apresenta como um local propício ao desenvolvimento de novos contatos e parcerias para as expositoras e, também, uma inserção na economia solidária para parte do público que visita a Feira.

“Tem um olhar diferente, um carinho diferente. Então você quer que isso aconteça para todo mundo. Não é só o bolinho que estou vendendo (...) Estou passando o carinho para as pessoas, então é isso que a gente vê nos movimentos de mulheres, é isso que é tão importante, é esse cuidado que tem (...) Porque tem esse cuidado da outra, tem esta diferença.” (Elaine, Batuque na conzinha)

“Me parece que as pessoas hoje estão mais sensíveis, com o outro. Porquê? Porque um está precisando do outro.” (Ana Rosa, Estilo e Raça).

“Também eu fiz muitas parcerias aqui [na Feira]. Então a rede aumentou, aumentou bastante a minha rede aqui, de apoio.” (Cristina, Aondê)

“É também um espaço que acolhe os nossos filhos, né quando a gente precisa, né? Então, acho que uma feira, quando é só de mulheres, é mais fácil de você levar criança. Porque existe uma solidariedade, né?”



Então todo mundo pega o bebê. Pensa nos espaços." (Cristina, Aondê)

Estes valores e estas relações distinguem a Feira da AMESOL das feiras convencionais, onde os expositores pagam uma taxa de entrada e são submetidos à concorrência interna e à seleção dos seus produtos (curadoria), em função de seu potencial de venda presumido.

"É completamente diferente a parte, assim que as pessoas se ajudam. É como se todas as pessoas fossem meio sócias, vamos dizer assim. Todo mundo ajuda todo mundo. Todo mundo está muito interessado que todo mundo dê certo, entendeu? Não existe uma concorrência. Existe uma colaboração que não existe nos outros lugares, sabe? Nos outros lugares existe uma concorrência." (Vera, Línea Encadenación).

## A CONSTRUÇÃO DO COMUM

A construção da Feira como espaço comum, gerida de forma colaborativa e solidária, supõe um importante processo organizativo. Desde 2017, o Projeto acelerou consideravelmente o ritmo dessa construção, graças ao acompanhamento das educadoras do projeto e aos recursos financeiros disponibilizados. Estes, excedem em muito os do fundo coletivo da AMESOL e permitiram cobrir os custos de infraestrutura (aluguel da tenda e mesas de exposição, programação cultural) e de logística (transporte e almoço das expositoras, alojamen-

to na véspera da Feira para expositoras que moram mais longe). Além disso, essa dinâmica atrai, constantemente, novas mulheres, geralmente, amigas ou conhecidas das sócias da AMESOL, que querem participar da Feira.

A construção da Feira exige responder a um conjunto de perguntas:

- Quais são os recursos geridos em comum e quais permanecem individualizados?
- Como acontece a gestão dos recursos comuns, de acordo com quais princípios e regras?
- Como os recursos em comum são "produzidos"?
- Quem faz parte do coletivo? Qual é a relação entre as sócias da AMESOL e as outras pessoas que participam da Feira?

Se a Feira é o local onde a autogestão é praticada, as reuniões da AMESOL são o lugar em que as decisões são tomadas e as comissões da AMESOL, de Infraestrutura, Finanças e Comunicação, são os espaços em que o trabalho de preparação é realizado (veja seção 4). Também se realizam oficinas internas da AMESOL para executar algumas tarefas coletivas. Os dias de formação representam, por seu lado, espaços de reflexão, mas não de decisão, sobre várias questões, inclusive, a organização da Feira. Nas reuniões da AMESOL, as decisões são



tomadas ao final de debates onde as informações e opiniões sobre como organizar a Feira e os recursos de que ela necessita são discutidas e avaliadas de acordo com os princípios da economia solidária e feminista, os quais são lembrados pelas educadoras do projeto e pelas sócias mais antigas ou mais familiarizadas com eles.

Nessas reuniões, o grupo se mostrou disposto em colocar, em comum, um grande número de recursos não apenas a infraestrutura física da Feira e o fundo da AMESOL, mas também, conhecimentos e oportunidades de venda. As oficinas, onde mulheres da AMESOL e parceiras ensinam, gratuitamente, suas técnicas de produção, são lugares onde o conhecimento é compartilhado:

“Porque eu apoio aqui, geralmente eu cobro para dar essa oficina. Sempre quando eu dou eu cobro, porque o conhecimento, ele não é gratuito, mas como a gente tem gratidão pelo espaço então a gente quer compartilhar, sabe? Porque esse é o clima daqui, né? Compartilhar.” (Cristina, Aondê)

Equilibrar as vendas entre as produtoras é outra grande questão discutida na AMESOL.

“Precisamos ver como apresentamos os produtos, tem disparates enormes entre as vendas dos empreendimentos. Como fazer com que cada uma venda minimamente?” (Vera Machado, SOF)

“A gente fica preocupada, eu vejo que tem mulheres que trabalham tanto, se esforçam tanto, e não tem muita venda. A gente tenta sempre se pôr no lugar na outra. Esse é um ponto que me deixa muito preocupada.” (Conceição, Manias de menina)

Diferentes soluções são consideradas. Uma delas consiste na criação de maior sinergia ou equilíbrio entre os segmentos da Feira:

“Tem clientes que chegam para alimentação e orgânicos, mas como ligá-los com o artesanato e os serviços? A questão é como construir um espaço único.” (Vera Machado, SOF)

“Ensinei às minhas companheiras plantar produtos da roça para vender além do artesanato. Toda feira tem que ter uma praça de alimentação.” (Imaculada, associação de mulheres de Peruíbe)

Outras opções são a formação de cadeias produtivas entre os empreendimentos ou até mesmo a produção coletiva que poderia ocorrer em certos eventos:

“Precisamos fazer uma produção coletiva para a feira do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra] que possa ser trabalhada por cada grupo da alimentação, para não disputar as vendas.” (Vera Machado, SOF)

"Dividir por igual produtos que são diferentes e têm custos diferentes também não é justo. Tem uma angústia por resolver e tem ideias que precisam ser amadurecidas." (Maria Fernanda Marcelino, SOF).

Por um lado, existe o anseio e sonho coletivo de uma feira inclusiva e acolhedora capaz de satisfazer as necessidades de todas as expositoras e do público. Um sonho que foi expresso em particular durante uma atividade de formação dedicada à descrição da feira ideal:

"Queremos uma feira com muita diversidade de produtos e de pessoas, de cultura, boa estrutura, divulgação, espaço para crianças com oficina que introduza economia solidária na brincadeira. O ideal seria também ter um transporte. Queremos reciclagem, que já tem bastante na AMESOL. Queremos uma tenda, menor, para a divulgação da AMESOL. Queremos muita gente e oficinas para frutas e verduras, artesanato, alimentação, atendimento médico, ervas e temperos e banheiros químicos porque vai ser num lugar grande." (Sueli S., Manias de Menina).

Por outro lado, as lógicas individuais não desaparecem e, na medida em que as condições de vida ficam mais difíceis e que novas mulheres chegam para participar da Feira, surgem umas questões.

"Precisa de muita paciência e amor para fazer juntas, cada uma tem cabeça diferente." (Sueli S., Manias de Menina).

"Não existe um senso comum, uma coisa definitiva. A feira ideal é aquela que é construída juntas." (Maria Shibata, organização da feira de Registro/SP).

A divisão do espaço e, em particular, das mesas de exposição na Feira, concentra as tensões, expressada, muitas vezes, na desconfiança desta divisão.

"Precisamos dividir o espaço, tantos metros para cada uma para evitar ser invadida, que é desagradável" (Rosangela, Co-libri).

De maneira geral, a disposição da Feira põe o coletivo à prova, seja entorno da divisão seja na atribuição rotativa das mesas de exposição, da qual as expositoras acreditam, em certos casos, que não lhes permite valorizar seu tipo de produto. Entre sentimento de injustiça, denúncia do caráter "autoritário" da comissão e senso de compromisso e de construção coletiva, a gestão da Feira como comum não progride sem conflitos, nem incômodos.

As ideias generosas e, até mesmo radicais, que podem existir de compartilhar recursos, amadurecem à medida que as formas e regras concretas de produção e uso desses recursos são desenvolvidas. Várias opções são discutidas durante as reuniões:

- *produzir coletivamente* certos recursos (por exemplo, o banner do AMESOL);
- *mutualizar* o uso de certos recursos, como mesas de exposição ou máquinas de

cartão de crédito que vários empreendimentos já possuem;

- *comprar ou alugar certos recursos* através do fundo do Projeto, ou seja com *fundos públicos*;
- *ratear despesas* ou usar o fundo coletivo da AMESOL, ou seja, usar *fundos próprios*;
- *compartilhar* certas infraestruturas com outros coletivos, como o Ponto Butantã ou a Incubadora de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo (ITCP/USP);
- *buscar apoios* de projetos (*fundos privados ou públicos*) para determinados gastos.

As formas de produzir e gerir recursos em comum são escolhidos de acordo com o significado que a AMESOL pretende atribuir a esses recursos (por exemplo, é importante que o *banner* da AMESOL seja fabricado por elas mesmas), mas também, de acordo com as condições e em alguns casos, restrições no acesso a recursos.

Este é, particularmente, o caso dos fundos provenientes do Projeto, cujas regras de uso, determinadas pela lógica da gestão pública, nem sempre são compatíveis com a organização da AMESOL. Por exemplo, a precisão das informações e os prazos para as solicitações de hospedagem e transporte nem sempre podem ser cumpridos pelas sócias da AMESOL, que enfrentam inúmeras contingências em seu cotidiano. Os desafios de trabalhar com recursos públicos, também, resultaram na impossibilidade de acessar os recursos durante determinados períodos. Se essas situações cau-

saram o cancelamento da participação de algumas mulheres nas atividades, também, fortaleceram a AMESOL, propiciando a busca de novas formas de acesso a recursos próprios ou através de novas alianças, seja com outros coletivos seja através das redes familiares e de apoio das expositoras. Estas experiências trazem contatos e ideias para uma organização autônoma da Feira para além do Projeto.

O acesso ao Projeto terá possibilitado a criação de um coletivo capaz de seguir com outros recursos a construção de um espaço comum autogerido? Ou terá criado apenas uma atividade temporária? Por um lado, fica claro que será difícil manter o nível de despesas de alojamento, transporte e infraestrutura do Projeto. Por outro lado, as reuniões da AMESOL estão mostrando o compromisso das mulheres na construção deste espaço. A experiência de organização da Feira durante os períodos de interrupção do Projeto confirmou a capacidade da AMESOL em mobilizar recursos próprios e em explorar novos caminhos, como mutualizar certas despesas com outros grupos e buscar apoio para despesas ocasionais.



## A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DE VENDA

Além da dinâmica interna da AMESOL, a Feira é o espaço de relacionamento com o público. Quais são as características deste espaço – o Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã – e quais são as ações e reflexões em curso, entre as mulheres da AMESOL sobre este relacionamento?

O Ponto Butantã é o resultado da mobilização, desde o final da década de 2000, de trabalhadores e trabalhadoras da Rede de Saúde Mental da zona oeste de São Paulo, em prol da economia solidária. Dentro do movimento antimanicomial, o objetivo tem sido oferecer aos beneficiários dos serviços de saúde mental um acesso ao trabalho através da economia solidária. Assim, vários empreendimentos de economia solidária foram incubados nos Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS) e nos Centros de Convivência da Região Oeste, que fazem parte do serviço público de saúde, mas sem terem inicialmente um espaço próprio.

A partir de 2013, com o auxílio da IT-CP-USP, o CAPS Butantã obtém o direito de ocupar as instalações do número 250 de

Avenida Corifeu de Azevedo Marques, no bairro do Butantã. Vários empreendimentos de economia solidária, que integram a rede de saúde mental, começam a ser alojados nesse endereço. A ocupação é formalizada em 2016, com a criação do Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, como equipamento público sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde. Vale ressaltar, que essa política terá beneficiado apenas dois Pontos em toda a cidade de São Paulo (além do Butantã, o Ponto Benedito Calixto de Economia Solidária e Cultura) e que foi interrompida pelo prefeito de São Paulo eleito, em novembro de 2016, João Doria.

Hoje, o Ponto do Butantã hospeda vários EES que trabalham e/ou comercializam no local, como a comedoria Quiririm (venda de almoços e sobremesas, predominantemente orgânicos); a horta que produz temperos e ervas para uso na Comedoria e mudas para comercialização; o Núcleo de Orgânicos (venda de cestas de alimentos, vinculado ao coletivo de consumo ComerAtivaMente); a livraria Louca Sabedoria (venda de livros a preço acessível, em particular sobre a temática da saúde mental); o empreendimento de artesanato Ybyatã; e a loja Pé à Biru (venda de produtos de 18 empreendimentos de artesanato, com gestão participativa), além da Escola de Formação em Economia Solidária “Paul Singer” que organizou durante o ano, um sábado por mês, aulas sobre temas vinculados à economia solidária e autogestão.

Deste ponto de vista, ser acolhida no Ponto permite à AMESOL





construir a sua feira num lugar dedicado à promoção da economia solidária e frequentado por ativistas deste movimento e de redes militantes mais amplas: “Militância no Ponto não é só aquela que nós trazemos, tem também do Morro do Querosene [bairro próximo ao Ponto, conhecido por sua luta a favor da preservação da cultura popular] e da COHAB” (Vera Machado). Por outro lado, a Feira da AMESOL contribui para a dinamização do Ponto, graças ao público que atrai – “A Feira está ajudando também a consolidar as pessoas conhecerem o Ponto, né” (Gisela) –, à participação dos empreendimentos do Ponto à Feira, bem como à integração de alguns grupos, nomeadamente o Ybyatã, à AMESOL.

As “conversas” que realizamos na Feira dos meses de junho e julho 2018 nos permitiram estabelecer um perfil do público naquele momento, são homens e mulheres militantes da economia solidária, do movimento feminista, da agroecologia e da saúde mental; mulheres interessadas em expor seu trabalho na Feira ou em criar seu próprio projeto de feira; e algumas pessoas do bairro que vieram passear e fazer compras. Os militantes, que constituem a maior parte do público da Feira, geralmente ouviram falar da Feira em eventos ou nas redes sociais; o público do bairro conheceu a Feira através do Ponto ou passando pela frente.

Portanto, em sua maioria é um público sensibilizado para a economia solidária e feminista e que frequenta a Feira para “fortalecer” através das suas compras e presença. Este público procura “conhecer o trabalho das pessoas” e às vezes conversas longamente com as produtoras. O interesse e a atitude

de deste público são obviamente apreciados pelas produtoras:

“O público que vem aqui é um público diferente. Primeiro que a maioria das pessoas que vem aqui é, eu não sei exatamente que adjetivo usar, se é militantes ou são pessoas que se alinha à causa ou alguma coisa desse tipo. Porque são pessoas diferentes. Não é qualquer pessoa que vem aqui. Isso já ajuda muito. As pessoas vêm sabendo que o que está sendo exposto aqui é feito por mulheres, não é qualquer coisa.” (Vera, Línea Encadernação).

No entanto, esse público permanece limitado em número e, em alguns casos, também em poder de compra. “Não comprei porque estou sem dinheiro, quase” (Mariângela). Além disso, pode ser deslocado por outros eventos militantes que ocorrem no mesmo dia:

“[...] os nossos clientes aqui nesse espaço, nosso cliente é só quem é de movimentos. Vem por causa da causa, principalmente por causa da Marcha Mundial das Mulheres. Então vêm como apoio. Só que se acontecer um ato lá fora da Marielle [Franco, vereadora do Rio de Janeiro e militante dos direitos humanos assassinada em março de 2014], vai todo mundo lá para a Marielle. Nós ficamos sem o nosso público.” (Ana Rosa, Estilo e Raça)

Estas limitações levantam alguns questionamentos para a AMESOL. Para algumas expositoras, seria necessário mudar para



um local comercial, com mais passagem e uma clientela com maior poder aquisitivo:

"Ah, eu acho que não sei, ter um espaço em um lugar que seja mais assim, mais visitado, né? Para o pessoal que expõe, os expositores, se não tiver venda, para a gente não resolve muito, né? Então tem que ter venda, né? Então... Aqui é bom, mas não é assim um lugar de alto... de alta comercialização, né? Eles fazem muita feira na Paulista, no Conjunto Nacional. Lá é muito bom, né? Se a AMESOL conseguisse entrar lá para fazer as feiras de lá seria muito bom." (Francesca, Joias do Bem).

Esta ideia, no entanto, não é unânime, e a opção que foi discutida de forma recorrente é ocupar uma praça pública que, diferenciando-se de um espaço comercial convencional, teria mais passagem que o Ponto do Butantã. No entanto, essa opção está sendo pouco a pouco descartada, dado que a liberação de uma praça exigiria uma parceria com o governo municipal, enquanto a gestão municipal atual manifesta sua hostilidade a esse tipo de ocupação pelos movimentos sociais.

Paralelamente, a ideia avança de que é possível construir um público maior ficando no Ponto do Butantã e que essa construção de fato já começou:

"Ah, eu acho que está caminhando. Eu acho que já está melhorando, sabe? A divulgação está melhorando, esse espaço, a uns meses atrás, eu ia falar que o espaço, ele não é muito bom para Feira, mas eu acho que a Feira vai crescer e aí vai ficar mais

uma referência. Porque eu acho que já está... muitas pessoas já estão conhecendo mais a AMESOL. A gente participava da feira do MST, da visibilidade. (...) Talvez tenha outros Pontos para dar uma diversificada, mas acho que é mais de criar o público mesmo. Que tem que melhorar." (Cristina, Aondê).

Esta construção avança nos círculos militantes onde a Feira AMESOL começa a ser conhecida, mas também, é possível e importante conquistar um público para além destas redes e por outros meios:

"Só vê no Facebook quem já é meio dessa rede, assim, que já tá conectado com esses temas." (Analu, ITCP-USP).

Nesse sentido, a Comissão de Comunicação da AMESOL planeja novas ações de panfletagem a ser distribuído aos moradores do bairro, além de contatos com os meios de comunicação como os jornais e rádios da região, para atrair um público amplo e não necessariamente militante. As ações no bairro também devem ser reforçadas por novas alianças, em particular a Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres no Butantã, organizada pela Associação Nacional Reggae, na Rua José Álvares Maciel, perto do Ponto, e onde a AMESOL é convidada a participar um domingo por mês desde setembro de 2018.

Através destas ações, a AMESOL iniciou uma nova fase na construção do seu público, que vai muito além da mera "recepção" de ativistas pró-causa. Trata-se agora de "edu-

car o público” (Fernanda, Malungo Arte) para que ele conheça a economia solidária e feminista.

“É preciso as pessoas saírem de uma feira de economia solidária com um mínimo de conhecimento sobre o que é economia solidária. Visualmente deve ter no mínimo: um *banner* na entrada da feira, do lado de dentro e de fora. E entre as barracas, *posters* com frases sobre a economia solidária. As pessoas não podem sair tão vazias como entraram.” (Edna, Tendarte).

É também uma questão das produtoras se adaptarem à demanda do público, aprendendo individual e coletivamente as lições das vendas.

“Nós resolvemos nas feiras da AMESOL, focar mais [na alimentação] porque é um produto que nós vimos também que faltava. Porque aqui o pessoal também gosta de orgânico, gosta de chá, alimentação natural, essas coisas que nós gostamos também.” (Ana Rosa, Estilo e Raça)

“Nós estamos fazendo que é um processo de ver todos os materiais de todos os companheiros. E tem um que vende mais, porque ele vende mais? O que ele tem de interessante que ele vende mais? A questão de organização, qual tipo de material que nós estamos usando, o que nós devemos mudar no nosso material para poder vender mais, mas essa questão do público, como eu falei, nós estamos com alguns movimentos sociais.” (Ana Rosa, Estilo e Raça)

Ampliar o público levanta questões delicadas, como a abertura a um público mais popular, presente em certas regiões do Butantã, e cujo poder aquisitivo ou tipo de consumo pode exigir umas mudanças na oferta das produtoras. Neste sentido, um passo adicional poderia ser dado pela criação de espaços de diálogo com o público, tendo em vista a “co-construção” da oferta e demanda, além de interpretar a demanda do público por meio das vendas e de informar este público sobre a economia solidária e feminista praticada na AMESOL, aproximar as produtoras do seu público, por exemplo, através de rodas de conversa para discutir em conjunto o que pode ser produzido e vendido na Feira.



## RUMO A UM ESPAÇO PÚBLICO “INTEGRAL”? COMERCIALIZAÇÃO, FORMAÇÃO E POLITIZAÇÃO

“É mais que uma feira, é um movimento e fortalece” (Cris). Para além da divulgação de produtos, a Feira da AMESOL constitui um lugar de formação e de politização. Como essas diferentes dimensões aparecem para as produtoras e para o público? Como elas interagem? Que tipo de espaço público é finalmente a Feira da AMESOL e como ele contribui para a autonomia das mulheres?

Existem três momentos principais de formação e politização na Feira da AMESOL: as oficinas, onde as produtoras partilham seus conhecimentos sobre técnicas de produção; as rodas de conversa, onde uma pessoa, sócia da AMESOL ou convidada, propõe uma discussão sobre um tema relacionado ao debate feminista ou à economia solidária; e a programação cultural, com grupos de música de mulheres engajadas. As produtoras enfatizam a importância dessas atividades, mesmo que não as esperavam:

“A princípio vem por causa da Feira, que fala: ah espaço de comercialização, não precisa pagar, mas não. Tem a questão da formação que é importante. Muito importante.” (Ana Rosa, Estilo e Raça)

“É porque aqui tem outras atividades, você está trabalhando, mas é mais leve porque você tem aí uma música, um show, oficina. Então é uma programação, né? Cultural.

Então, ele é mais. É um movimento cultural, na verdade, né?” (Cristina, Aondê).

Na visão das produtoras, a existência dessas atividades, particularmente a programação cultural, ajuda a atrair um público sensível aos valores da Feira.

“Você canta, tem uma que fala ‘vamos juntar mão com mão’ (...) Falando de um só povo para a gente se unir e a proposta dessas meninas que vêm hoje [grupo de música andinal] é maravilhosa. É essa. Então, trazendo essas meninas, trazendo bolos, então aí começa a ter um público maior de diferença.” (Ana Rosa, Estilo e Raça)

Além destas dimensões já existentes, a atividade de formação dedicada a descrição da feira ideal evidenciou o desejo das produtoras de um espaço *integral*, que incluiria, serviços de cuidado, como ciranda para crianças e massagens para adultos, atenção médica e programação cultural para jovens.

“Queremos que as pessoas encontrem tudo o que precisarem dentro da Feira. Se o nosso sonho é tão grande, tem que ter isso.” (Estefani, Horta di Ghetto).

Na Feira da AMESOL, a formação política está intimamente ligada ao trabalho, pois as mulheres se formam durante a Feira, ou seja, durante o seu tempo de trabalho, e as questões debatidas estão relacionadas às

possibilidades de viver com dignidade do seu trabalho.

"E também, eu acho que é um espaço que para muitas mulheres é um espaço de liberdade, né porque ela está lá só entre mulheres, ela recebe um apoio feminista, então assim, não é só... É o trampo dela, quer dizer, ela não tem o tempo de participar de um movimento social, só que já une o útil ao agradável... É legal porque aproxima mulheres que não têm, nunca tiveram interesse de participar de movimento. Na verdade é um movimento e é um trampo ao mesmo tempo." (Cristina, Aondê)

"O Projeto veio de encontro com as necessidades. Está vindo, porquê? É o espaço de comercialização, não adianta você levantar a bandeira do movimento. O movimento do MST é terra, das mulheres é pelos direitos. Não que, aqui nós temos autonomia na questão financeira, mas da economia solidária é o quê? É o trabalho, agora se você não tem espaço de comercialização, como é que você vai se sustentar, porque o pessoal fala assim: você trabalha com isso e mais uma outra coisa? Não. Este é o nosso trabalho. E nós queremos viver com dignidade, não sobreviver daquilo. Porque não adianta, você tem uma filosofia de vida e não consegue viver daquilo. Então esse Projeto está vindo de encontro para essa questão do fortalecimento das feiras que é importante. Você vê o quanto, parece pouco, mas quantos recursos está gerando?" (Ana Rosa, Estilo e Raça)

As discussões entre produtoras durante a Feira, bem como nas reuniões internas da AMESOL, constituem espaços de formação baseada na crítica coletiva, o que mostra a possibilidade concreta de articular a prática da democracia com a economia.

"Eu comecei a participar de feira aqui. Foi minha primeira feira. Também teve muitas dicas, né? Quando a gente tem as reuniões, o pessoal dá muitas dicas e então eu sei um pouco mais. Eu aprendi aqui a organizar a mesa. Eu aprendi mais sobre economia solidária que eu não sabia tanto. Então eu também, a economia solidária, ela influencia as pessoas. Eu conhecia muito assim essa discussão. É... Também eu fiz muitas parcerias aqui. Então a rede aumentou, aumentou bastante a minha rede aqui, de apoio. Comecei a investir muito é... ah tudo, né? As dicas de rótulo. Mudou o rótulo. Deu uma melhorada esses cursos que têm, que você dá opinião no do outro. E é um apoio, normal. Entendeu? Isso é legal, muito rico porque ninguém fica chateado com a crítica. Então tem umas críticas legais e a galera vai falar isso numa boa, não é?" (Cristina, Aondê).

Os momentos de formação na Feira abrem uma possibilidade, que a maioria das mulheres não teria de outra forma, de problematizar sua experiência de trabalho comparando-a com a de outras mulheres e situando-a em uma análise crítica da economia dominante na base da economia solidária e feminista. Para algumas mulheres, as oportunidades de formação, tanto na Feira quanto nos cursos do AMESOL ou em outros espaços, como por exemplo, os

Centros de Formação em Economia Solidária (CESF), significam uma mudança pessoal radical, em busca de mais conhecimentos para uma vida mais esclarecida.

“A princípio a gente sofria porque não tinha o caminho das pedras e não são todas as pessoas que querem te ensinar, então você tem que buscar. Se você tem esse desejo e sofreu, então para mostrar para os outros: há possibilidades por aqui. E acho que é isso, acho que tem muitas demandas da economia solidária porque a economia solidária também é uma transformação de você enquanto ser humano, porque se você não mudar, você acaba reaplicando tudo o que aprendeu aí fora.” (Ana Rosa, Estilo e Raça)

Para outras mulheres, no entanto, a formação não tem lugar na agenda:

“Da reunião eu vou, né? Mas os cursos é meio complicado para mim, para eu estar saindo, né?” (Francesca, Joias do bem)

Se o debate permite às produtoras o desejo de se formar, a participação do público nos espaços de debate da Feira é menos óbvia. Quando perguntado sobre sua participação, uma parte do público respondeu negativamente, destacando várias razões, essencialmente de natureza prática: “fiquei supervisionando meu filho que brincava com outras crianças”, “ajudava nas barracas” (procurando emprego), “não tenho tempo”. Aquelas e aqueles que falaram com as expositoras, geralmente, o fizeram em pri-

vado, aproveitando uma compra, mas não necessariamente participaram das rodas de conversa ou das oficinas:

“Conversei, todas foram muito solícitas. Foi muito legal a conversa com todas elas. Ela me explicou bastante sobre a xilo[-gravural, me ensinou técnicas... A gente ficou uma meia hora conversando. Essa da toquinha, também. Tem uma moça do guarda-chuva, que eu não comprei, mas ela faz umas bolsinhas e tal, legal.” (Safia, consumidora).

Aquelas e aqueles que entraram na Feira sem conhecer a economia solidária e feminista, como por exemplo, uma mulher negra de 34 anos que veio pela quarta vez “para fortalecer o movimento de mulheres e a compra de produtos não industrializados”, não necessariamente aprenderam sobre isso. Conversando com as produtoras, esta mulher diz ter aprendido mais sobre o processo de produção de cada produto, mas não sobre a economia solidária em si.

Além das condições práticas, a comunicação com o público sobre questões complexas como a economia solidária e feminista deve ser considerada como um processo:

“É difícil fazer comunicação porque as pessoas não têm tempo, não é rápido as pessoas pegarem o que é economia solidária. O Tendarte [empreendimento] tem um papelzinho que fala “parabéns! Você acaba de adquirir um produto da economia solidária”, falando minimamente sobre o empreendimento e inclusive sobre o produto.” (Edna, Tendarte).



O objetivo da AMESOL de fortalecer os elementos visuais de divulgação da economia solidária e feminista é uma contribuição a esse processo. Incentivar o público a participar das rodas de conversa, propondo temas de discussão que o envolve, como o consumo e a “co-construção” da oferta e da demanda, deveria contribuir para a construção da relação com o público e para as vendas das mulheres da AMESOL.

## CONCLUSÃO

Desde dezembro de 2017, a Feira tornou-se uma das principais atividades junto com a formação, através da qual a AMESOL se consolidou. Constituiu-se em um evento regular pelo qual as mulheres se reúnem a cada mês para construir, na prática, e não sem dificuldades, o espaço de divulgação e comercialização de seus produtos. Ao nível dos empreendimentos, a Feira teve um impacto positivo, embora desigual, nas vendas, mas também, na qualidade dos produtos e da sua apresentação (embalagem, rótulo, material de divulgação, organização das mesas).

No nível coletivo, a Feira foi o principal lugar onde um entendimento comum da economia solidária e feminista e da autogestão foi se desenvolvendo aos poucos, através da prática e da experimentação. O coletivo se transformou através dessas atividades e pela chegada de novas mulheres na Feira e/ou na AMESOL, atraídas pela possibilidade de comercialização, e também, por causa de mudanças nas relações internas impulsionadas pelas atividades em co-

mum. As empreendedoras, geralmente, se apropriaram do funcionamento de muitas dimensões da AMESOL, em particular, as infraestruturas, a comunicação e as finanças, através das três comissões, às quais poderia ser acrescentada uma nova comissão de comercialização, empurrada nessa direção pelas educadoras.

Por fim, além da comercialização, a Feira é o espaço através do qual a associação, gradativamente, encontra seu público e constrói sua relação com ele, através de uma organização e programação que relaciona, estreitamente, a comercialização com a formação e a cultura. Este processo levanta questões importantes, como a oportunidade de aprofundar o diálogo com o público para abrir caminho à co-construção da oferta e da demanda, na qual não apenas a AMESOL “educa” o público sobre sua proposta, mas também pode se abrir a suas solicitações e sugestões e aproximar-se à sua realidade.

Outra questão que surge a partir da experiência da Feira diz respeito ao crescimento da AMESOL, dentro dos limites de espaço do Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, e pela possibilidade de



novas atividades em comum, seja de comercialização, seja de articulação produtiva entre empreendimentos.

O fim do Projeto que permitiu a organização desta Feira levanta preocupações se abre uma nova fase para a AMESOL. Uma fase em que as perspectivas de acesso a políticas públicas são muito limitadas e onde a aliança das empreendedoras com as educadoras do projeto, que podem ter acesso a outras fontes de financiamento ou projetos de apoio, pode ser importante. É também uma fase em que a experiência individual e coletiva adquirida pelas próprias empreendedoras será decisiva para o desenvolvimento de novas ideias e práticas, necessárias à gestão e a produção de recursos comuns neste contexto. Algumas já foram propostas, como a venda ou a rifa de produtos dos empreendimentos em benefício do fundo coletivo da AMESOL, a participação como coletivo em outras feiras e novas parcerias no nível dos empreendimentos ou da associação para obter diferentes recursos, como mesas, tendas, artistas, e transporte. A experiência dos últimos meses alimentou as práticas, mas sem dúvida, também, a imaginação coletiva e a confiança de poder superar obstáculos juntas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIES, Maria. "Towards a methodology of women's studies" *Institute of Social Studies*, 1979, nº 77.

BUTTO, Andrea; FARIA, Nalu; HORA, Karla; DANTAS, Conceição; NOBRE, Miriam. (Org.). **Mulheres rurais e autonomia**: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos Territórios da Cidadania. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2014.

SINGER, Paul (2006), "Économie solidaire (I)". In Laville, Jean-Louis; Cattani, Antonio David (org.) *Dictionnaire de l'autre économie*, Paris, Galimard, p. 290-302.

Site da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A, disponível em [www.emplasa.sp.gov.br](http://www.emplasa.sp.gov.br) (acesso 22/10/2018)

Site da Guayí. Disponível em: <[http://guayi.org.br/?page\\_id=48](http://guayi.org.br/?page_id=48)>. Acesso em: 13nov 2018.

Site da SOF. <<http://www.sof.org.br/2013/04/15/associacao-das-mulheres-na-economia-solidaria-amesol-e-fundada-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 15jul 2019.

# **ECONOMIA FEMINISTA E SOLIDÁRIA**

**FORTALECENDO A AUTONOMIA  
ECONÔMICA DAS MULHERES**

## **ECONOMIA FEMINISTA E SOLIDÁRIA:**

### **FORTALECENDO A AUTONOMIA ECONÔMICA DAS MULHERES**

Publicação da Universidade Federal de São Carlos - Termo de Execução Descentralizada 006/2016, firmado com a Secretária Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego..

## **ENTIDADES PARCEIRAS**

FAI-UFSCar (Fundação de Apoio Institucional da UFSCar)

SOF (Sempre viva organização feminista)

AMESOL (Associação das mulheres da economia solidária)

## **COORDENAÇÃO DO PROJETO**

Fábio José Bechara Sanchez

## **EQUIPE DO PROJETO**

Beatriz Schwenck

Fernanda Cristina Mello

Gláucia Marques

Helena Zelic

Isabelle Hillenkamp

Joana Barros

Lohayne Oliveira

Maria Fernanda Marcelino

Milena Lima e Silva

Miriam Nobre

Nalu Faria

Natália Lobo

Renata Baboni

Sheyla Saori

Simone Braghin

Sônia Coelho

Tica Moreno

Vera Lucia Ubaldino Machado

**Edição de texto** Beatriz Schwenck e Simone Braghin

**Produção gráfica editorial** Diagrama Editorial

**Foto da capa** Elaine Campos

**Ilustrações** Helena Zelic, Biba Rigo, Camila Afonso Zuca e Leila Monségur.

**Fotos** Equipe do projeto

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

E19

Economia feminista e solidária: fortalecendo a autonomia econômica das mulheres / coordenado por Fábio José Bechara Sanchez. - São Carlos : Diagrama Acadêmico, 2021.

153 p. ; PDF ; 5,3 MB.

ISBN: 978-65-995167-1-9 (Ebook)

1. Economia. 2. Feminismo. 3. Economia Solidária.  
I. Sanchez, Fábio José Bechara. II. Título.

2021-2049

CDD 330

CDU 33

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

Índice para catálogo sistemático:

1. Economia 330

2. Economia 33